

A IMPONÊNCIA ARQUITETÔNICA DA CIDADE DE CAXIAS MARANHÃO NO FINAL DO SÉCULO XIX. UMA RELAÇÃO DE PODER ENTRE AS CLASSES SOCIAIS

Elizete Santos²

A ocultação da Balaiada, a opulência da cidade e a subversão feminina

Caxias/MA³ é uma cidade situada a leste do Estado, dista da capital piauiense 66 km e da capital maranhense 360 km. Historicamente, um século depois de ter sido elevada à categoria de cidade (1836 a 1936), passou por momentos decisivos no seu processo de desenvolvimento. Viveu, em meados do século XIX, uma importante revolta de cunho popular, cujo objetivo, contado em detalhes nos livros de história, era acabar com a exploração da Corte, dos homens que dirigiam o Império, sobre a população caxiense. A revolta (período de 1838 a 1841) foi provocada por populares contra altos impostos cobrados pelo Governo Regencial. Era uma revolta popular e foi liderada por um líder negro chamado Cosme Bento das Chagas, popularmente conhecido por Negro Cosme. Para a história oficial, Cosme e todos os envolvidos na revolta eram criminosos, facínoras. Na realidade, a Balaiada sempre foi considerada uma “mancha negra” na história do Brasil (ARAÚJO, 2008).

Nesse texto, daremos destaque aos aspectos físicos absorvidos pela cidade e os aspectos sociais advindos das relações de poder existentes entre as duas classes sociais: a elite e a classe popular, nessa segunda, relacionadas às mulheres. Importa nos compreender quais as motivações que levaram a elite caxiense a ocultar e a minimizar a guerra da Balaiada, assim como identificar as suas implicações na modificação arquitetônica da cidade, dando-lhe um aspecto opulente. Por outro lado, importa nos ainda compreender, como as mulheres das classes sociais pobres se autorizaram a ingressar nesses espaços opulentos, públicos e posteriormente de conhecimento científico, num verdadeiro processo de subversão à ordem estabelecida.

² Professora do Departamento de Ciências Sociais do CESC/UEMA, doutora em História pela UNISINOS/RS.

³ “Localiza-se a uma latitude 4°51'32" sul e a uma longitude 43°21'22" oeste, estando a uma altitude de 66 metros. Possui uma área de 5 224 km². Banhada pelo Rio Itapecuru, quase toda extensão do município, além da sua sede, e pelo Rio Parnaíba a nordeste, além de possuir vários afluentes que cercam a cidade com diversos banhos naturais”. Caxias faz parte da região Meio-Norte. “Fica [mais] próxima da capital do Piauí, Teresina, a apenas 66 quilômetros. Fica a 360 quilômetros da capital do Maranhão, São Luís, a 656 quilômetros da capital do Ceará, Fortaleza, e a 838 km da capital do Pará, Belém” (WIKIPÉDIA, [2018?]).

Da Visibilidade/Invisibilidade da Balaiada às Estratégias para uma Nova Cidade

Buscando apagar os vestígios da Guerra da Balaiada, algumas estratégias foram usadas pela elite na cidade, uma delas, podemos destacar, foi denominá-la de “Princesa do Sertão”. Este fato ocorreu em 1858, num fervoroso ato de fé cristã proferido pelo bispo da capital, Dom Manoel Joaquim Silveira. A cidade deixava de ser chamada de “Empório” e passava a ser denominada de “Princesa do Sertão”. Nesse sentido, a posituação dada a partir desse evento, produzia uma significativa marca registrada da cidade, opondo-se substancialmente à de desafiadora da ordem imposta. A sua marca antes, de produtora de revoltas violentas, de massacres sangrentos, ganhava outro codinome, agora com um apelo mais voltado às possibilidades que a cidade pudesse oferecer, sem a violência do passado histórico.

Numa abordagem de gênero, compreendemos que essa troca configure uma estratégia para retirar de Caxias qualquer sombra que lembre a grande revolta. Dessa forma, cria-se toda uma denominação meiga, com aura de docilidade e fragilidade, numa cidade que desafiou o poder da capital e que, por alguns dias, o teve concentrado na sua região.

Outra estratégia foi o investimento em festas de grande envergadura na famosa “Casa Verde”, de propriedade do Coronel Libânio Lobo, nas quais investia-se na vinda de figuras importantes na época com o objetivo de dar visibilidade a esses acontecimentos sociais que enchiam os olhos das famílias caxienses, com extensão para a capital. Era comum esse tipo de reunião, cujo objetivo, além de ser um momento de lazer, oportunizando o ócio (grifo nosso) para a elite dirigente, também congregava como campanha de nacionalismo, levada a efeito pelas autoridades brasileiras. Aqui e acolá, o *Conselho dos Homens Bons* (nome utilizado em Caxias; em outras cidades, recebia outras denominações) se reunia para traçar as metas de ajustamento da sociedade, lazer etc.

A mais robusta dessas estratégias, e talvez a primeira delas, foi realizada seis anos após o final da Balaiada. Trata-se da publicação do célebre poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”, datado de 1847, quando do seu retorno ao Brasil, em 1845. No poema, ele descreve uma cidade harmônica, silenciosa, em que apenas se escuta o canto do sabiá e o gorjear de algumas aves que, melodiosamente, entoam suas canções. É um poema inscrito nos padrões do romantismo literário, mas que mostra também outra Caxias, que não denuncia ou fala de injustiças sociais, mas da bela paisagem, da grandeza da terra, do canto do sabiá! Nos parece, nesse caso, que não há equívocos por parte do poeta, em exaltar as belezas da cidade rica em mananciais e grandeza da flora e fauna. O que o poema pode nos mostrar, nas suas

entrelinhas, é que há também uma estratégia para ocultar os gritos e gemidos do patrimônio maior que é o povo que, naqueles idos, sofria com as ambições humanas em concentrar bens em detrimento da miséria de tantos. E nos mostra ainda que, ao contrário da grande repercussão do poema “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias (1846) no mundo das letras, a guerra da Balaiada teve, ao longo dos tempos, sua história sendo obstaculizada, principalmente a parte voltada para a participação popular.

Foi o que percebemos também nos livros didáticos. Fruto de uma historiografia viciada, a memória da Balaiada foi minimizada em termos de espaço esquecendo-se de sua influência, que ia desde o Maranhão até o Piauí, Pernambuco e Ceará, ou então limitavam apenas ao Maranhão e algo específico à Caxias (DIAS, C., 1985b). Depois, os historiadores restringiram a guerrilha apenas a negros e pobres, sem mencionar a grande participação de brancos, caboclos, jovens, mulheres e idosos no movimento. O difundido foi a aversão e intolerância a qualquer trato, no que diz respeito a essa grande organização popular, ressaltando as ações oficiais que foram tratadas e interpretadas como honrosas.

Civilizar e higienizar a cidade

Buscando a ocultação da Balaiada, a elite cotonicultora, através dos lucros imensuráveis advindos do “ouro branco”, iniciou, a partir do ano de 1870, a experimentar e exibir o luxo e o requinte parisienses. Apoderou-se dos refinados valores culturais, dos hábitos luxuosos expressos na arquitetura, na literatura e nos demais veículos formadores da cultura. A importação de outras realidades culturais objetivava invisibilizar o ocorrido, dando ares de progresso àquela sociedade que ainda vivia à sombra da grande revolta. Nesse sentido, essa elite teve que debruçar-se a inventar tradições, desde a enfatuação de prédios até costumes, muitas vezes de modelos europeus. Assim, a influência europeia chegou ao país via obras, culinária, costumes e outros. Nessa vertente, era urgente civilizar a sociedade caxiense e, conforme Mattos e Castro (2004), civilizar como mecanismo de superação da barbárie, da desordem das ruas, da incivilidade. Era um processo de educação dos costumes. Evaldo Cabral de Mello (2009), na obra “O nome e o sangue”,⁴ nos ajuda a compreender as nuances

⁴ Evaldo Cabral de Mello (2009), nessa obra, nos convida a esmiunçar detalhadamente as nuances das relações de poder, bem como a importância dada à honra e nobreza como características identitárias do conceito de pureza de sangue. Isso porque, no Antigo Regime, a ocupação de um cargo público era um atestado de nobreza e ascendência limpa de sangue. Havia, portanto, um desejo de elevação do status social e um dos caminhos possíveis era a obtenção de uma patente de um cargo oficial. Na obra, o autor procura reconstituir as tramoias

que a sociedade caxiense buscou para titular seus nobres filhos com comendas de várias naturezas, como a atribuída ao Comendador Alderico Silva, o dono do Palacete.

O projeto civilizatório⁵ consolidou-se no ano de 1889, quando foi fundada a Companhia União Caxiense, precisamente aos 22 dias do mês de outubro desse ano. Sua finalidade era manter um parque têxtil na cidade - a civilidade nas vestimentas e nos costumes estava, doravante, decretada.

Adornar a vida das famílias, a estrutura dos lares, a urbanização e o embelezamento da cidade era o objetivo na última década do século XIX. No quesito civilidade, outras estratégias foram tomadas também no campo educacional. As famílias que passaram a encaminhar os jovens para estudar em Coimbra, tinham, em Paris, um novo endereço para a absorção dos códigos de conduta e etiqueta a serem disseminados na cidade. Com a Proclamação da República, estas características se acentuam, pois, além do cuidado cultural/literário, a cidade também foi brindada com construções para propiciar um ambiente limpo e arejado para as famílias.

Percebe-se que a cidade ganhava, em período muito próximo, duas fábricas de tecido. Isso decorreu devido à grande movimentação da produção de tecidos para a Europa. Como já vinha fazendo desde o último quartel do século XIX, isto é, integrando-se ao circuito mundial da cultura burguesa, Caxias celebrou o acordo de construção da segunda ponte de madeira da cidade ainda no Império, projetada para se situar no largo do antigo porto da cidade. Caxias civilizava-se a olhos vistos, com empreendimentos cada vez mais robustos, como o de Francisco Dias Carneiro e alguns sócios ao fundar a empresa Prosperidade Caxiense para construir a segunda ponte em meados de 1880 e inaugurá-la aos 7 de setembro de 1884.

Em 22 de outubro de 1889, nos estertores do Império, a cidade recebe outra importante empresa, a Companhia União Caxiense, popularmente conhecida por Manufatura, de propriedade de Francisco Dias Carneiro, Antônio Joaquim Ferreira Guimarães e Manoel Correia Bayma do Lago, seus primeiros dirigentes.

Se havia nas ruas, no final do Império, a figura do escravo maltrapilho com vestes molambentas, assim como a sombra da balaiada de meados do século XIX, o que se deveria fazer no início da República era tirá-las de cena, era europeizar e branquear lugares e

que viciaram o processo de habilitação de Felipe Pais Barreto, membro de uma rica família do Pernambuco colonial, a cavaleiro da Ordem de Cristo. Nesse processo investigativo, o autor se defronta com a questão do sangue judaico, que corria nas veias de vários dos troncos que haviam povoado a Nova Lusitânia, em especial ao filho de Branca Dias.

⁵ Ver ELIAS, 1994, p. 64.

costumes necessários nessa nova conjuntura republicana que imprimia o progresso e a civilidade⁶. Nos lares, ruas e avenidas, ecoavam as vozes dos arautos da civilidade, a precaução com os adornos, as indumentárias, os gestos, tudo era pensado para sepultar qualquer vestígio do Império e a imagem dos esfarrapados, já que a República vinha com a bandeira do progresso.

Caxias inicia, nessa época, o seu processo de higienização. Assim, outra estratégia para a manutenção do *status quo* foi o envio dos filhos das famílias ilustres para estudar na Europa. Tratava-se da aquisição de cultura e de costumes importados e refinados.

Do ponto de vista da população local, cujos filhos não iam estudar na Europa nem tinha condições de consumir os produtos vindos do Continente europeu, verificamos que a Companhia União Caxiense vinha atender aos seus anseios. Assim, tecidos de algodão eram exclusividade da manufatura para fabricação de roupas para colonos e pessoas com menor condição econômica. Da mesma forma, a Companhia trouxe o progresso para a cidade porque proporcionava empregos. Mas não pode escapar dos problemas que esse mesmo progresso proporcionou, pois, se os ares eram europeus, a prática era brasileira.

Conforme entrevista (SANTOS, E., 1996), a família da Senhora Joana Coutinho relata que ela trabalhou na manufatura na década de 1950 e contava que a jornada de trabalho era muito dura - entravam às 5h30min da manhã e saíam às 17h30min, somente com uma hora de intervalo para almoço. As mulheres escondiam a gravidez para não perderem seus empregos. Quando as crianças nasciam, não possuíam folga para amamentar. Havia, entre elas, acordos para uma cobrir o trabalho da outra, para que pudessem dar uma “fugidinha” e amamentar sua criança. Certo dia, o clima estava tenso. Jornada de trabalho exaustiva, salários irrisórios, uma total precarização das forças trabalhistas. Foi quando a Senhora Joana Coutinho reuniu as mulheres e começou a incentivá-las a se movimentar.

Maria das Graças Coutinho, neta de Dona Joana Coutinho, segue narrando:

Joana Coutinho sobe em um banquinho para falar com as mulheres e, em um certo momento, o chefe da produção do setor em que ela trabalhava dá-lhe um tapa, agredindo-a. O mulherio revoltado correu atrás dele para espancá-lo, mas esse com ajuda de outros da direção, foi escondido dentro dos contenders (sic) cheios de algodão e retirado do local. Seiscentos funcionários cruzaram os braços até o agressor, o Erondino, ser demitido (SANTOS, 1996, p. 29).

⁶ “Mas em uma cidade como Caxias, de contrastes sociais e ainda possuindo becos e largos, onde a maioria da população ainda residia em casas de palha, essa postura era irrealizável e até mesmo utópica para o período. Contudo, representava um desejo dos administradores de extirpar do centro da cidade as residências de palha, que contrastavam com o luxo e o requinte arquitetônico das moradias elitizadas”. (PESSOA, 2007, p. 82).

A sombra dos balaies estava ainda à solta, pois os operários começavam a se organizar. O fato é que Caxias ingressava no século XX em pleno desenvolvimento industrial e, em que pese o algodão estar ocupando um lugar bastante expressivo na exportação brasileira, os direitos políticos, civis e sociais dos caxienses (e dos brasileiros) ainda careciam de ser implantados. De acordo com José Murilo de Carvalho (1996), isso parte de uma cultura política pautada nos modelos súditos ou paroquiais, pois compreende a alienação da população em relação ao sistema político. Isso, de certo modo, desconstitui a pessoa de certos direitos necessários à sua condição de cidadania. Carvalho (1996) pontua que a passagem para a República não configurou um salto qualitativo para a população, pois os direitos civis, políticos e sociais não se consubstanciaram efetivamente, avanços para o povo. Isso gerou embates e violentas reações da população às tentativas de controle estatal e de introdução de mudanças que interferiam diretamente na vida cotidiana.

Caxias, imbuída pelas mudanças que a industrialização provocara, inicia seu processo de reordenamento social. No contexto urbano, as famílias que participavam das benesses do poder buscavam se redirecionar nesse processo transitório frente aos novos desafios modernos, assim como as não participantes dos regalos viam no trabalho fabril a possibilidade de transmutar as condições ora vividas. Os mecanismos de proteção da velha ordem social, em contraponto com os novos criados pelo Estado republicano, vão balizar o posicionamento familiar no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho e ao processo educacional das mulheres.

Num outro viés, outras famílias, na primeira metade do século XX, conviveram com a ostentação de prédios, novos costumes e novas e velhas tradições. A Europa civilizada tomou conta da vida de algumas famílias caxienses com usufruto de bens.⁷ A cidade precisava entoar sons suaves para adocicar os ouvidos das famílias cultas e ensurdecer os gritos, gemidos e lamúrias daqueles tantos encobertos por vestes tão desarrazoadas (SANTOS, 1983).

No processo de transição, a linguagem comum dos republicanos era o progresso, a organização, a legalidade, associados ao crescimento individual e coletivo. As marcas do

⁷ Em Caxias, havia vários grupos sociais que se articulavam nas vertentes política, cultural, religiosa, social e econômica. Muitos deles se relacionavam mediante uma combinação orgânica protagonizada pela troca de favores em busca de proteção, seja ela qual for. Na primeira metade do século XX, devido à existência de uma cidade praticamente rural, a prática se dava de forma mais impolida. Já na segunda metade do século, as tratativas inter-relacionais já estavam amparadas pelas “leis” da justiça, mas não descartava o antigo *modus operandi*, voltado para a política clientelista (de proteção econômica e política, em contrapartida à disponibilidade para atender ao patrão em termos de fornecimento de sua mão de obra e lealdade). (Ver GRAHAM, 1997).

atraso e da desordem eram as principais preocupações do pensamento republicano que queria apagá-las, nesse novo cenário estabelecido. Por outro lado, como as famílias abastadas da cidade de Caxias/MA, na passagem da Monarquia para a República, se estruturaram para manter alguns valores essenciais (no campo da ética, da moral e da economia) e impregnar o espírito republicano, o saldo foi o registro de muitos costumes e tradições permanecerem, principalmente relacionados à moral e à ética para as mulheres.

No que se refere ao processo de higienização, assim como as casas das famílias importantes, as escolas também foram criadas nessa compreensão arrojada e higiênica, com fachadas robustas, atendendo às exigências estabelecidas pelos sanitaristas da época, associando a necessidade de produzir um homem novo, com interioridade, religiosidade e higienizado (GONDRA, 2005). Os prédios foram reformados atendendo aos princípios de salubridade e de higiene em consonância com os aspectos propositivos dos médicos e arquitetos do período. As janelas tanto das casas como das escolas eram grandes, o que permitia uma boa luminosidade e uma ventilação controlada. Os portões principais eram de ferro, geralmente com uma escadaria, buscando a segurança dos frequentadores do Colégio.

Os cuidados higiênicos pela preservação e erradicação de doenças como a febre amarela e a cólera eram frequentes nos discursos dos higienistas ao longo da primeira República. Esses objetivavam, desde a escolha do lugar da construção ou reforma aos detalhes da arquitetura, receando o surgimento e proliferação das chagas. Questões como quantidade de alunos, pintura, escadas, janelas, umidade, refeitório, banheiro, tudo era exaustivamente cuidado, atendendo ao que preceituava o Art. 8º do Decreto nº 981/1890.⁸

A subversão feminina frente as estratégias impostas

Tomando em conta o fazer cotidiano das mulheres caxienses, não importa de qual camada social, ele era cheio. As mais aquinhoadas eram orientadas, dentro dos lares, voltadas para as atividades domésticas, a viverem ordeiras no “cativeiro” (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2005), as menos aquinhoadas foram para as ruas exercer trabalhos das mais diversas condições, porém em espaços restritos, e quando se apresentavam em outros espaços, havia a negativa em função do que segue abaixo:

⁸ “Art. 8º O Governo providenciará para que se construam edifícios apropriados ao ensino, de accordo com os mais severos preceitos da hygiene escolar e com habitações annexas destinadas ao professor. Nenhuma edificação deste genero se fará sem que o conselho director da Instrucção primaria e secundaria formule o projecto ou dê-lhe a sua aprovação”.

Era comum, em Caxias, em determinadas calçadas as pessoas não circularem, pois seus “donos” criaram determinadas crenças ligadas ao “encantado” e faziam com que o imaginário dessas pessoas mais simples tomasse isso como verdadeiro. Por exemplo, diziam que a casa era amaldiçoada, logo quem se aproximasse corria o risco de também ficar. Uma das calçadas que as pessoas temiam bastante a passagem era a de propriedade do Sr. Alderico Silva. Criou-se uma lenda que na torre morava um encantado que fazia mal às pessoas. Na realidade, essa era uma das estratégias para que os pobres não se aproximassem para pedir, havia muita pobreza e o dono tinha o apelido de “Seu Dá”. A outra calçada que as pessoas simples evitavam passar sobre ela, era a do Instituto Rosalina Barros, pois o seu proprietário, à época, dizia que “pobre não frequentava sua escola e nem pisava na sua calçada”, somente a elite pisava ali. Havia calçadas assentadas em laje de Lioz,⁹ muito utilizada pelas famílias ricas da cidade naqueles idos (Entrevista concedida por Maria José da Silva em julho de 2017).

Assim, o território ocupado por essas mulheres, mesmo inóspito no que se refere às questões das relações patriarcais, possibilitara-lhes empreender táticas para lidarem com lucidez nas mais diversas/adversas situações.

Saliento que a cidade de Caxias construída com base no discurso urbanístico baseou-se, de acordo com Certeau (1994), numa racionalização do espaço urbano, o que propiciou, de alguma forma, que as mulheres inventassem, no cotidiano vivido, mil maneiras de caça não autorizadas para sobreviverem.

Uma das práticas que insinuo diz respeito ao jogo escamoteado nas táticas do fazer a comida e do coser. Advogo que, devido às mulheres das camadas altas não terem sua liberdade vivida, é na aprendizagem dos bons modos, veiculados inicialmente no seio familiar e posteriormente nas “escolas” de formação, que vão perceber o poder de manipular os sabores, temperos, etc. Da mesma forma, isso acontecia com as mulheres sem posses. O fato de não poderem participar das festas da elite não importava, neste caso, pois cabia-lhes a confecção dos vestidos e enxovais. Isto lhes dava autonomia no manipular, bordar, cortar, na escolha e medições. Nessa compreensão, o jogo do qual participavam demarca, de certa forma, uma lógica no intuito de desfazer o jogo do outro. Essa engenhosidade, de acordo com Certeau (1994, p. 45), é a “arte” do fraco tirando partido do forte, que vai desembocar em uma politização das práticas cotidianas¹⁰.

⁹ Laje da mais alta nobreza para esse fim. Muitas vieram para a cidade ainda no século XIX; fazia parte da decoração das residências dos potentados.

¹⁰ Tomamos emprestado o conceito de *táticas* desenvolvido por Certeau (1994). O autor pontua que o “homem ordinário”, frente às adversidades cotidianas, manifesta capacidades criativas e engenhosas para se equilibrar naquilo que o capitalismo a todo instante impõe através da indústria do consumo cultural e tecnológico. Utiliza-se da “bricolagem”, das “caças furtivas”, para manifestar suas formas de resistência moral e política a toda forma de ataque aos acessos negados. A tática (CERTEAU, 1994, p. 100) é a arte do “fraco”, ela é determinada pela ausência de poder, ao contrário da estratégia, que está ligada ao poder. Tática foi a arte do fazer que as mulheres pesquisadas desenvolveram para lidar com a falta de recursos financeiros nas suas

Esse território montado, opulento, que exclui por força das suas estruturas elaboradas, termina criando possibilidades de acesso das mais diversas formas, pois fortalece simbolicamente outras práticas, transforma tecidos em verdadeiras obras de arte e o alimento num espetáculo gastronômico: uma identidade firmada no território alheio.

Essas naturalizações impostas ao longo dos tempos foram perdendo forças frente às transformações sociais ocorridas e as mulheres, nesse contexto, foram se utilizando de táticas num processo de (re)construção ou (des)construção dessas imagens, saberes e práticas.

Esses rastros subversivos feitos pelas mulheres e permitidos pelos novos tempos deram-lhes a possibilidade de enxergar os desvios e as brechas (CERTEAU, 1994) existentes no contexto urbano, as fizeram refletir sobre o que Josso (2004) chama de *caminhar para si*.

Para essa autora, o processo de formação do ponto de vista do aprendente passa pelo desenvolvimento de uma capacidade de apropriação deste objeto. Para que a pesquisa progrida, não basta que os sujeitos discutam as suas opiniões momentâneas, como lhes é pedido seja feito numa entrevista. É ainda necessário que eles possam classificar as experiências que subentendam aos seus pontos de vista e que sejam capazes de dar conta do seu processo reflexivo, aqui e agora, sobre estas experiências. Esse exercício parte de uma reflexão do vivido, minuciosamente pensado e exercido para que o sujeito aprendente possa enxergar o ponto de estrangulamento que possibilita ver na fechadura a abertura para esse caminhar. Josso (2004, p. 64) adverte que esse exercício remete a um:

[...] trabalho de rememoração, que reúne as recordações à escala de uma vida, apresenta-se como uma tentativa de articular as experiências contadas e é feito, principalmente, sob o ângulo do percurso de formação ao longo da vida e da dinâmica, evidenciando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional, e a outras aprendizagens organizadas (sessões ou oficinas de formação), incluindo aí, finalmente, as experiências de vida que o autor considera terem deixado uma marca formadora (JOSSO, 2004, p. 64).

famílias para soerguer-se na conjuntura vivida. A “arte do fazer”, para o autor, não é algo que se aprende em cursos, na academia, algo passado pelo crivo acadêmico. É algo que se aprende no dia a dia, no jeito de caminhar, de cozinhar, de ler, de ir às compras etc. Todas essas atividades “parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro [...]” (CERTEAU, 1994, p. 104). Artimanhas do “homem ordinário” que não tem o poder, mas cria possibilidades de produzir efeitos de astúcia, operando golpe por golpe, lance por lance. “Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”. Para o autor, há uma lógica que organiza essas táticas de maneira que quem a produz se inventa com mil maneiras no cotidiano, de diversas formas e usando diferentes habilidades. É essa arte invisível, menosprezada, produzida por sujeitos do não lugar que vão desembocar, então, em uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 1994, p. 45).

As mulheres, ao realizar suas caminhadas voluntárias ou direcionadas pelas ruas da cidade em busca de seus sonhos, puderam observar os olhares dos guardiões/guardiãs dos bons costumes e da moral, puderam observar as relações conflituosas ali existentes, as práticas desviantes das pessoas que buscavam se direcionar de alguma forma, assim como a dicotomia entre a relação cidade versus sexo. As mulheres puderam, a partir desses olhares, traçar outros caminhos distintos do elaborado pelos urbanistas.

Nessa luta por direito a uma nova vida, na década de 1950/1960, as mulheres caxienses não só percorreram cada calçada como participaram dos saraus da *Casa Verde*, mesmo que chegando pela porta dos fundos, porque serviam as mesas, mas ali foram aprendendo qual era a *lei* que vigorava e desafiando-as.

No final da década de 1960, se inscreveram num novo desafio, ingressaram no curso superior, curso historicamente de predominância masculina, o Curso de Ciências Físicas e Naturais, concluíram e desenvolveram o magistério em Caxias.

Considerações finais

O nosso desafio neste artigo foi discutir as estratégias que a elite masculina caxiense utilizou para ocultar a participação da população excluída no processo de desenvolvimento e conquistas dos direitos políticos e sociais no final do século XIX e nos primeiros cinquenta anos do período republicano na cidade. Como pano de fundo deste contexto inovador e, ao mesmo tempo, provocador, está presente a história de Caxias e a forma como as mulheres das classes sociais menos favorecidas, que historicamente, foram ensinadas a obedecer aos seus pais, irmãos e maridos, se autorizaram a imprimir suas marcas nos espaços públicos, lugar destinado apenas ao masculino.

Nos espaços formativos como na família, na escola, na igreja, na rua e no trabalho, elas exerceram funções e compromissos em que impunham sua condição de cidadãs, mesmo negados, no entanto, as reações de enfrentamento foram também pontuais num verdadeiro processo de subversão à ordem imposta.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Mundinha. **Negro Cosme**: em busca de Dom Cosme Bento Chagas, tutor e imperador da liberdade. Imperatriz: Ética, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania: tipos e percursos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 337-360, 1996.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaio e bem-te-vis**: a guerrilha sertaneja. 2. ed. Teresina: Instituto Dom Barreto, 1985b.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- GONDRA, Gonçalves José. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar Imperial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. Disponível em: <anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0522.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2016.
- GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. Ciudad de México: UNAM, 2005.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. Etnografia visual: o uso de imagens na pesquisa etnográfica. In: SEMINÁRIO INTERNO DE IMAGEM, 2., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2004.
- MEDEIROS, Manoel de Páscoa. **Manoel de Páscoa Medeiros**: depoimento [maio 2016]. Entrevistadora: Elizete Santos Abreu. Caxias: UEMA, 2016. Entrevista concedida a Elizete Santos Abreu. 1 celular.
- MELLO, Evaldo Cabral. **O nome e o sangue**. Uma parábola genealógica no Pernambuco colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a tradição e a modernidade**: a belle époque caxiense. Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.
- SANTOS, Elizete. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**: da Colônia aos dias atuais. 1996. 110 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, 1996.

SANTOS, Elizete. **Caminhos cruzados:** o percurso trilhado pelas mulheres caxienses do curso de ciências físicas e naturais da Faculdade de Formação de Professores do ensino médio e a missão uspiana em Caxias-MA. 2018, 230 f. (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo-RS, 2018.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **A Balaiada e a insurreição de escravos negros no Maranhão.** São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Maria José da. **Maria José da Silva:** depoimento [jul. 2017]. Entrevistadora: Elizete Santos. Caxias: UEMA, 2016. Entrevista concedida a Elizete Santos. 1 celular.

WIKIPÉDIA. **Caxias (Maranhão).** [2018?]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_(Maranh%C3%A3o))>. Acesso em: 04 jan. 2018. Não paginado.